

**Escola Paulista de Medicina | Universidade Federal de São Paulo – EPM | Unifesp
Transmissão de Cargo em 26 de maio de 2023 | Diretoria EPM gestão 2023 – 2027
Campus São Paulo, Teatro Marcos Lindenberg
Discurso do Diretor Magnus R. Dias da Silva**

Magnífica reitora Raiane Assumpção e toda a Comunidade Epemista aqui presente, nesse ano, a *“árvore de boa semente plantada”* – como proferiu o poeta Guilherme de Almeida por ocasião do lançamento da pedra fundamental de criação do HSP em 1936 – completa 90 anos e concretiza o que foi um sonho coletivo e a história inicial de 33 pessoas fundadoras (31 médicos e 2 engenheiros) da Escola Paulista de Medicina em 1933.

"Aí está, germinada e prosperada a semente; aí está, florescido o ideal; aí está, frutificado o empreendimento! Aí está a Escola Paulista de Medicina. A árvore boa, em boa hora, sob um bom signo, numa boa terra e por boas mãos plantada".

Desde 1995, sou parte dessa grande Escola. Orgulha-me saber que a arte tem acompanhado todas essas grandes solenidades. Hoje, fomos agraciados com o Coral Unifesp que nos brinda com a essência da formação de nossa brasilidade – Cantos dos Índios Krahôs, música Sul Africana Siyahamba e Qui Nem Jiló de Luiz Gonzaga. Essa escolha reflete o projeto ambicioso da Escola desde sua origem até os dias atuais.

Atravessamos muitos desafios. Da dívida contraída em 33 para construção do HSP (em 1936 o HSP já contava com 4 andares) nos anos subsequentes da ressaca moral paulista pós revolução constitucionalista (governo de Getúlio Vargas) aos primeiros projetos pedagógicos baseados em cátedras e, dessas, no pioneirismo da criação de departamentos. A criação do curso de Enfermagem em 1939. A federalização em 56 (governo de Juscelino Kubitschek), na ocasião UFSP (Universidade Federal de São Paulo, instituída pela Lei 3.835/1960) que foi interrompida em 64 pela ditadura, período de perseguição ao Prof. Marcos Lindenberg que dá nome a esse anfiteatro em que hoje estamos. A criação do curso de Ortóptica em 1947 (só oficializada em 1970) e da Residência Médica em 1957; do primeiro curso Biomédico do Brasil em 1965; da criação do curso de Fonoaudiologia em 1968; os primeiros programas de Pós- Graduação nos anos 70; da abertura do ambulatório do Índio em 1992. A retomada da federalização com Prof. Manuel Lopes (1º diretor/reitor) que culmina com a criação da Unifesp em 1994; a expansão da Universidade para além da Vila Clementino em 2006 (com o ISS no Campus Baixada Santista); do pioneirismo com a política de cotas em 2012 (antes mesmo da ampliação para 50% com a lei de 2014). Tivemos a primeira mulher Diretora da nossa Escola – Prof.ª Emília Sato (em 2015). Avançamos com a modernização da gestão do HU/HSP e com as revisões quinquenais do Acordo de Cooperação entre a Unifesp e a mantenedora SPDM (Sociedade Paulista para o Desenvolvimento da Medicina), hoje sob a presidência do Prof. Ronaldo Laranjeira. Garantiu-se uma progressiva saída do armário da comunidade LGBTQIAP+, inclusive com a conquista da abertura do ambulatório do Núcleo Trans. Celebramos o início das atividades assistenciais no HU2. Trabalhamos na construção e, hoje, na implementação da Política Carolina Maria de Jesus de Promoção da Equidade e Igualdade Étnico- racial, Prevenção e Combate ao Racismo – um *continuum* de desafios e conquistas.

Nossos(as) profissionais de saúde formados(as) pela EPM passaram a seguir um projeto de educação previamente pensado e construído para ser eixo fundamental do desenvolvimento nacional. Esse projeto toma corpo a partir da nossa constituição cidadã de 1988, cujas fundamentações legais estão explicitadas na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação Nacional (1996), segue as Diretrizes Curriculares Nacionais (DNCs), e aponta a missão de nossos cursos de Medicina, Biomedicina, Fonoaudiologia e Tecnologias – Oftálmica, Radiológica e Informática em Saúde. Essa missão nos impõe muita responsabilidade com a *coisa pública*. É de nossa competência zelar pela formação desse profissional – cidadão, reflexivo, dotado de senso crítico, de ética, de competência técnico-científica e humanística.

Nossos(as) profissionais poderão atuar amplamente no mundo de trabalho. Serão capazes de gerar mais conhecimento científico e tecnológico para a sociedade, trabalhando nos diferentes níveis de atenção em saúde – da primária à ultraespecializada – e dentro de um círculo virtuoso de sustentabilidade e prosperidade. Para formarmos esse(a) profissional de saúde, antevejo não ser possível empreender a transição que a humanidade e o planeta nos demandam sem questionar o ideal de felicidade com base no consumismo predatório, em um modo de vida baseado na exclusão, na competição desmedida, na meritocracia elitista, no produtivismo que nos objetiva, no mercantilismo na educação e na saúde, na monetarização das relações e na destruição da democracia.

É notório que esses múltiplos círculos de exclusão se materializam no adoecimento da nossa alma e do nosso corpo. Esse sofrimento crescente inflaciona as estatísticas de transtorno mental, pois na contramão dos interesses de mercado, não existe saúde mental sem a promoção da paz, da democracia e da justiça social, que são condições – éticas e políticas – estratégicas, e sem as quais não há lugar para a humanidade. Entendo que promover saúde mental é o desafio da próxima década, que só se faz com pertencimento e inclusão de Todas, Todos e Todes. Minha *nordestinidade* precisa ser reconhecida e promovida como valor, assim como foi garantida historicamente a vossa *sudestinidade*.

Nesse sentido, uma pedagogia com base em um novo pacto civilizatório é urgente. Aqui me atrevo a chamar de pacto da biocivilização solidária, sustentada pela ética da terra, da paz, dos afetos, da democracia e da diversidade. É com essa EPM que nós sonhamos – vibrante, diversa e feliz. Queridos amigos, nessa Escola cabe uma nova arquitetura de poder, cabem todas as cores e sotaques, cabem compaixão e coragem para mudanças, cabem as mais diversas culturas, credos, opiniões e desejos.

A nossa missão de educar e educarmo-nos não pode prescindir do investimento constante para nossas Escolas, o que implica defender nosso compromisso ético-político com a Educação e a Saúde pública, sob pena de retrocedermos como humanos. Assim, reitero aqui o nosso compromisso de cuidar dessa Escola de “*Boa Semente Plantada*” que busca dar corpo ao sonho inicial ao mesmo tempo em que se reinventa, interage, modifica e é modificada pelos desafios do contemporâneo. Precisamos caminhar!

Alguns ainda não se deram conta de que é urgente a reparação de grupos sociais que sobreviveram ou sobrevivem às sequelas ou às marcas das desigualdades. O combate a todas as formas de exploração e opressão deve pavimentar nossas ações como educadores(as). Essa mudança exigirá de nós redimensionar nossa história de dependência europeia e americana e, assim, passarmos a agregar valores de brasilidade até então subalternizados. Precisamos modificar a nós mesmos nesse processo, pois as instituições se reproduzem nos indivíduos que as constituem. Essa mudança parte de mim, de você, de todos vocês!

O modelo econômico em curso –na lógica das globalizações– tanto tem unificado como tem dividido o mundo. Essa forma de explorar o planeta e nós humanos precisa estar no debate de formação de nossos(as) estudantes da Graduação à Pós-graduação e Residência. Esse modelo de espoliação tem causado uma crescente de desigualdades e exclusão, pobreza e aprisionamento para muitos, liberdade e enriquecimento sem limites para poucos. No campo da Saúde e Educação, as sequelas não seriam diferentes. Passamos a seguir a mercantilização de serviços, muitas vezes em nome da produtividade de negócio, resultando no agravamento das desigualdades sociais internas, sintomatizando-as na forma de sofrimento – prejuízo sobre a saúde mental – especialmente de trabalhadores de setores mais vulneráveis. Ou seja, nos afastamos da nossa missão de cuidar/educar com vistas à emancipação social, e passamos a ensinar a medicalizar, gerando mais lucro para indústria de serviços de saúde e de medicamentos.

A Escola precisa se apropriar desse papel formador e crítico, de continuar avançando em competência técnica e tecnológica de acesso a todas as pessoas, investindo em ações de inovação, com a responsabilidade de promover mais saúde, melhor bem-estar e conforto para todo o nosso povo. Sabemos que a geração de conhecimento técnico-profissional e científico oferecido pela Escola é parte do nosso patrimônio, devendo essa ser acessível para cada um e cada uma – a ciência a serviço do bem comum é, seguramente, outra ciência. Insisto, a ciência biomédica que desenvolvemos precisa não só resolver problemas como os tecnológicos e científicos ou de como controlar coisas, mas buscar desenvolver uma forma de tecnologia do bem-viver, de viver em harmonia com o planeta, especialmente, entre nós humanos.

E quando me refiro ao humano, evoco os conhecimentos ancestrais, dos povos originários e de África, pois esse conjunto de saberes formam o patrimônio intelectual da nossa brasilidade, e de toda a humanidade, de nossa forma genuína de educar. Do som do tambor aos rituais de proteção (de diversas religiosidades), da colheita do fruto ao preparo da comida, da pluralidade de comunidades e culturas à alegria do compartilhamento de vidas e troca de experiências. Isso é o que nos torna humanos e divinamente feliz.

Nosso projeto pedagógico – do pacto de biocivilização solidária – precisa se apropriar do conceito de multiculturalidade que se une ao de sociodiversidade. Nossa sociedade é multicultural e, por isso, multidiversa. Nela coexistem diferentes grupos com padrões genuínos de organização social, com modelos diferentes de fazer política, de acesso à terra, de hierarquias de valores ou de tipos de prestígios. Viver na diversidade nos obriga a cuidar de uma sociedade cada vez mais democrática, plural e justa, respeitando tanto o direito à diferença

quanto o direito à igualdade, que possibilite a convivência de diferentes com suas próprias diferenças, construindo um ambiente que supere as violências, a cultura do ódio, as subordinações autoritárias e ideológicas.

Desejo vida plena ao nosso Jequitibá Rosa!... que simbolicamente nos transcende em vida, e nos une em projeto de Educação e Saúde – em abundância. Nosso futuro de Escola não é um lugar qualquer para o qual nos dirigimos, mas um que estamos criando, e vários caminhos são possíveis. Buscaremos construir caminhos fazendo pontes internas e externas de diálogo, de união, de paz e de convívio feliz. Essa transmissão de cargo celebra parte dessa construção de caminhos. Não estão por dados esses caminhos para o futuro. Nós os fazemos, e a atividade de fazê-los juntos(as) transforma tanto quem faz como o próprio destino da EPM.

Assim, convido todos(as) os(as) nossos(as) mestres(as) da Escola a se juntarem nessa caminhada. Também rogo a todos guias espirituais, povos da Cristandade, povos de Terreiro, povos da Mãe-Terra que nos envolva de sabedoria, alegria e força para continuar cuidando de nossa “*árvore-de-bom-semente-plantada*” rumo ao centenário da Escola Paulista de Medicina.

Iniciei citando um poeta e encerro trazendo uma poeta (poetiza) – Beatriz Nascimento; mulher preta, nordestina, migrante, que conseguiu estudar na UFRJ, fez pós-graduação UFF, uma intelectual e quilombola que nos convida ao movimento revolucionário de *aquilombamento* como um caminho possível:

*O quilombo é um avanço
É produzir ou reproduzir um momento de paz
Quilombo é guerreiro quando precisa ser guerreiro
E também é o recuo se a luta não é necessária
É uma sapiência, uma sabedoria
A continuidade de vida, o ato de criar um momento feliz, mesmo quando o inimigo é
poderoso, e mesmo quando se quer matar você
A resistência
Uma possibilidade nos dias da destruição*

Um cheiro em cada um e cada uma de vocês!


Magnus R. Dias da Silva